

A metáfora na terminologia ambiental

Anna Maria Becker Maciel⁴⁹

anna.becker@terra.com.br

Patrícia Varriale da Silva⁵⁰

paty_varriale@yahoo.com.br

RESUMO

Na comunicação dos domínios do saber e da atividade humana que se interessam pela preservação da natureza, os interlocutores atribuem novos sentidos a palavras da língua comum e introduzem neologismos pela criação de palavras novas, configurando um conjunto de termos característicos da área ambiental. O objetivo deste estudo é identificar, nesse processo criativo, mecanismos metafóricos responsáveis pelas lexicalizações e pela ativação da especificidade da terminologia ambiental. O estudo se articula no quadro teórico-metodológico da Terminologia Textual, da Teoria Sociocognitiva e das teorias da metáfora discutidas atualmente tais como a Teoria Conceptual e a Teoria Sistemática. Os pressupostos textualistas dos estudos terminológicos da atualidade consideram o termo como um construto que se configura no texto da comunicação especializada em função da conjugação dos condicionamentos sociocognitivos e culturais da área, do especialista e do público alvo. A abordagem sociocognitiva considera a linguagem especializada como um dos elementos formadores e mediadores do conhecimento a partir das capacidades cognitivas da mente humana e da percepção da realidade. Na perspectiva daqueles que defendem o papel da metáfora na cognição, o significado resulta de sistemas de categorização e esquematização da realidade unidos a convenções linguísticas e extralinguísticas que condicionam as escolhas léxico-gramaticais do falante. Basicamente a metodologia compreendeu dois momentos. Em uma primeira fase, após a seleção dos materiais (*corpora* e ferramentas), foram realizados os seguintes procedimentos no *corpus* de pesquisa: coleta de dados, análise e descrição dos dados, discussão das metáforas encontradas. Em uma segunda fase, foi procedida a comparação entre significado especializado na temática ambiental dessas expressões e o significado de unidades lexicais similares no *corpus* de referência. Como conclusão, a necessidade da busca dos itens metafóricos no contexto de uso foi enfatizada. Ao tentar descrever o processo metafórico subjacente ao processo de constituição da especificidade de itens lexicais relevantes da terminologia ambiental, este estudo evidenciou a validade do interrelacionamento de ambas perspectivas, linguístico-cognitiva e metafórica, nos estudos terminológicos.

PALAVRAS-CHAVE: terminologia; metáfora; neologismos; meio ambiente; metáfora verde.

ABSTRACT

⁴⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS.

⁵⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, RS; bolsista da PROPESQ – UFRGS – Brasil.

In the communication of areas of knowledge and human activity concerned with the preservation of nature, speakers assign new meanings to common language words and introduce neologisms creating new words and making up a number of terms which characterize the environmental dominion. In this creative process, the purpose of this study is to identify the metaphoric mechanisms accountable for this lexicalization and for activating the specificity of the environmental terminology. The study was carried out under the theoretical and methodological framework of the Textual Terminology, of Sociocognitive Terminology and of the theories of metaphor presently discussed such as the Conceptual Theory and the Systematic Theory. The textualistic presuppositions of terminology studies today regard the term as a construct built within the specialized communication text as a function of the interweaving of sociocognitive and cultural conditionings of the area, of the specialist and of the target audience. The sociocognitive approach considers the specialized language as one of the elements that makes and mediates knowledge from the cognitive capacities of the human mind and from the perception of reality. In the view of those who defend the role of metaphor in cognition, meaning is a result from systems that categorize and schematize reality jointly with linguistic and extralinguistic conventions conditioning the speaker's lexical grammatical choices. Basically our methodology comprehended two stages. Firstly, the following procedures were undertaken: selection of corpora and tools, data collecting, data description and analysis, discussion of candidate metaphoric expressions. Secondly, the specialized environmental meaning of these expressions was compared to similar lexical units found in the reference corpus. As a conclusion, the importance of the clues provided by the contextual use of metaphors was highlighted. By attempting to describe the metaphoric mechanism underlying the process of making up the specificity of lexical items relevant to the environmental terminology, this study evinced the validity of interconnecting both views, the linguistic-cognitive and the metaphoric perspectives, in terminological studies.

KEYWORDS: terminology; metaphor; neologisms; environment; green metaphor.

Introdução

Esta pesquisa tem origem em estudos anteriores voltados para a terminologia ambiental. Nesses estudos, a análise da linguagem utilizada pelos empresários com a intenção de criar a imagem ambientalmente responsável e ecologicamente correta de suas organizações levou à identificação de uma terminologia própria do *marketing* verde (MACIEL et alii, 2004a; MACIEL 2004b; MACIEL, 2006). Tal terminologia sinalizou um campo propício à criação de muitos termos novos a partir da metáfora evocada pelo adjetivo verde e motivou a pesquisa aqui relatada.

A criação de termos novos acontece em todos os grupos que partilham de um mesmo interesse. Na comunicação daqueles que se preocupam com a preservação da

natureza, também surgem palavras e significados que não se encontram nos dicionários. Muitas dessas inovações lexicais, os chamados neologismos, desaparecem, caem em desuso e são esquecidas; no entanto, outras são aceitas pelo consenso da comunidade, permanecem como parte do vocabulário da área especializada e, não raras vezes, passam a integrar o léxico da língua comum. Com o passar do tempo, o uso recorrente e a aprovação da comunidade falante terminam por granjear-lhes a consideração dos lexicógrafos e o conseqüente registro em seus repertórios.

Dentre os processos de formação neológica comuns no português brasileiro, aqui focalizamos a metáfora como um dos responsáveis pelos neologismos semânticos. De acordo com Alves (2004, p.62), esses neologismos consistem basicamente na transposição do conjunto de semas de um vocábulo de determinado campo semântico para outra área. Nas áreas especializadas, a neologia semântica motivada por mecanismos metafóricos é um recurso de criação lexical muito produtivo e, cada vez mais, sua importância é enfatizada na análise de terminologias.

Kocourek (1991, p.169-171) na sua obra sobre a língua francesa usada na ciência e na tecnologia, chamou atenção para a complexidade morfológica, sintática e semântica das metáforas terminológicas e observou com muita propriedade que, frequentemente, elas são paralelas em várias línguas. Além disso, salientou a força bem como a fraqueza da motivação metafórica, contrapondo o valor imagético, poder de evocação, caráter concreto vivo com a ausência de sistematicidade, indicações objetivas e ainda ambigüidade que ele entendia como a aplicabilidade de uma mesma metáfora a uma quantidade muito grande de casos diferentes.

Temmerman (2000, p. 155-217) analisou o impacto dos modelos metafóricos nos processos de categorização e denominação na linguagem das ciências biológicas. Observou que a motivação de tais processos encontra-se no raciocínio metafórico que procura ancorar a compreensão de algo novo, entidade, evento, situação ou processo em analogias com aquilo que já é conhecido, compreendido e experienciado. A autora enfatizou o importante papel que o mecanismo metafórico desempenha na configuração dos conceitos científicos e em sua conseqüente divulgação tanto entre os membros da mesma comunidade como entre o público não especializado.

O objetivo do estudo que ora apresentamos é identificar os mecanismos metafóricos responsáveis pela criação de neologismos na linguagem utilizada a partir da

última década do século passado no discurso focado na conservação da natureza e assim destacar sua importância na ativação da especificidade da terminologia utilizada na temática ambiental. Originada na preocupação do homem pela necessidade de conservar a natureza, essa temática perpassa várias áreas de conhecimento e de atividade humana. Com efeito, constituída por campos que se avizinham, se interligam, se alimentam mutuamente, e transitada por profissionais e amadores oriundos de variados estratos culturais e ideológicos, a área ambiental pode ser caracterizada por sua inter e transdisciplinariedade.

Nesse domínio, como são contemplados inúmeros aspectos do meio ambiente natural e humano, as relações entre campo temático, linguagens, interlocutores e intenções se processam de forma dinâmica atingindo grande complexidade. Consequentemente, a análise dos elementos reveladores de metaforicidade no inter-relacionamento que se processa exige a adoção de uma abordagem que consiga dar conta das múltiplas funções que instauram sua especificidade. Nesse contexto, na tentativa de abarcar ao menos uma fração da multidimensionalidade da presença da metáfora na terminologia ambiental, esta pesquisa se articula em um quadro teórico abrangente.

Com o apoio da Terminologia Textual e da Teoria Sociocognitiva, buscamos, de um lado, o aporte das teorias da metáfora atualmente em foco como a Teoria Conceptual e a abordagem sistemática e de outro, os pressupostos da Linguística de *Corpus*. O denominador comum das teorias que fundamentam nossa abordagem é a visão do significado como resultante de fatores cognitivos e socioculturais mediados pela linguagem na realização textual e atestado por evidências empíricas coletadas em um *corpus* digital de documentos autênticos.

O relato de nosso trabalho está organizado em quatro partes. Depois de introduzir o tema, delineamos a perspectiva teórica em que a pesquisa se situa. Em seguida, descrevemos a metodologia empírica adotada a saber: composição dos *corpora*, seleção das ferramentas, procedimentos de coleta das expressões metafóricas. Passamos então à descrição e análise dos itens selecionados e procedemos à identificação de seu uso metafórico. Depois de discutir os resultados, comparamos o significado contextual especializado das unidades lexicais metafóricas com seu significado em *corpora* de referência e em dicionários. O estudo se conclui pela

validação do mecanismo metafórico examinado em contexto real de uso como um dos processos de ativação da especificidade da terminologia ambiental.

1. Fundamentação teórica

No quadro teórico-metodológico construído, optamos pelos pressupostos textualistas e comunicativos dos estudos terminológicos que consideram o termo como um construto que se configura no texto da comunicação especializada em função da conjugação dos condicionamentos sociocognitivos e culturais da área, do especialista e de seus interlocutores (CABRÉ, 1999; SLODZIAN; BOURIGAULT, 1999). Assim, o significado do termo não é um dado *a priori*, mas o produto de um processo que se constrói na comunicação. No caso da terminologia ambiental, a configuração do significado especializado das unidades lexicais pode ser acompanhada através da leitura de textos publicados a partir de 1972, ano da Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, a chamada Conferência de Estocolmo, até os nossos dias.

À medida que o interesse pela proteção ambiental se difundiu, cientistas, políticos, economistas, gestores da informação, e outros, inconscientemente ou com as mais variadas motivações e propósitos, passaram a criar palavras novas ou atribuir novo sentido a palavras já conhecidas. Tais neologismos pouco a pouco foram aceitos, repetidos, entendidos por todos com significados característicos da temática ambiental conformando um vocabulário específico da área. Construiu-se assim uma mentalidade generalizada da urgência da preservação da natureza como condição primordial para a preservação da vida no nosso planeta.

Nessa mentalidade, a cor verde passou a significar a vida da natureza, abrangendo, em seu simbolismo, em um mecanismo metafórico, tudo o que pode contribuir para sua conservação. Em tal processo, de acordo com Temmerman (1999, 2000), a linguagem torna-se gradativamente um dos elementos formadores e mediadores do conhecimento a partir das capacidades cognitivas da mente humana e da percepção da realidade. Dentro dessa perspectiva, recorreremos aos teóricos que consideram prioritário o papel da metáfora na cognição e na experiência humana.

Ainda que possamos encontrar estudos sobre a força retórica e poética da metáfora há aproximadamente 2.500 anos, por exemplo, em Aristóteles e Quintiliano, hoje, de modo especial, destacamos Lakoff e Johnson. Na época contemporânea, no final dos anos 1970, esses autores, em sua obra “*Metaphors we live by*” demonstraram que a metáfora não é apenas uma figura que ornamenta a produção literária, mas sim, um recurso cognitivo-linguístico presente na linguagem que usamos cotidianamente e desenvolveram a Teoria da Metáfora Conceptual.

A essência da metáfora é compreender e experienciar uma coisa em termos de outra (LAKOFF & JOHNSON, 2003, p.5). Por conta disso, a metáfora não está na língua, mas no pensamento, isto é, na maneira como nós conceptualizamos um domínio mental em termos de outro (id. 2006, p.185). Argumentando que o significado é a resultante do entrecruzamento ou mapeamento (*mapping*) de sistemas de categorização e esquematização da realidade, condicionados às convenções linguísticas e extralinguísticas das escolhas léxico-gramaticais do falante, os autores defendem que a metáfora é um fator primordial na estruturação do nosso pensamento. Para eles, a metáfora conceptual é um fenômeno cognitivo que subjaz à linguagem metafórica como sua estrutura profunda.

A metáfora conceptual, que deve sempre ser grafada em letras maiúsculas, é nitidamente convencional e arraigadamente cultural. Nascida na mente do indivíduo, ela é fruto de um desenvolvimento histórico e cognitivo e reflete a maneira de encarar o mundo de determinadas comunidades ou grupos sociais. Oriunda de circunstâncias determinadas e condicionada à mentalidade predominante em certas épocas e civilizações torna-se amplamente difundida na comunicação oral e escrita. Com o correr do tempo, a metáfora original, por assim dizer, infla, extrapola sua origem, determinando o surgimento de um sem número de expressões metafóricas especializadas que proliferam em todas as mídias. Tal é o caso da metáfora conceptual que é enfocada neste trabalho: VERDE É A NATUREZA VIVA.

Nesse entendimento, o presente estudo busca apoio em uma nova corrente do estudo da metáfora, que começou a se desenvolver a partir de 1990, denominada metáfora em uso ou metáfora discursiva que Berber Sardinha (2007, p. 37) prefere chamar metáfora sistemática. Liderados por Lynne Cameron (CAMERON & DEIGNAN, 2009), seus adeptos apresentam a nova corrente como um contraponto à

Teoria da Metáfora Conceptual. Ainda que os autores enfatizem pressupostos de ambos os lados que parecem entrar em choque, consideramos a nova abordagem teórico-metodológica adequada a nossos propósitos por salientar a importância da análise da metáfora em textos autênticos.

Enquanto a representação mental precede a manifestação linguística para aqueles que defendem a metáfora conceptual, para os que aderem às novas tendências, o uso das expressões linguísticas é prioritário e constitui o foco da investigação no evento discursivo. Fortemente influenciados pelos estudos da análise do discurso, eles privilegiam a pesquisa de exemplos da linguagem real observada no contexto da comunicação e não em exemplos isolados inventados pelos filósofos da língua. Afirmam que somente a utilização recorrente e sistemática atestada por evidências coletadas em *corpora* pode legitimar a existência de uma metáfora de natureza cognitiva. Seus argumentos se aproximam da Linguística de *Corpus* e do construto teórico da comunicação especializada sustentado pelas teorias comunicativas e textualistas.

De fato, a Linguística de *Corpus* investiga o uso da língua em uma abordagem empirista, privilegiando a análise lexical no contexto de uso em grandes conjuntos de textos autênticos, *corpus*, examinados por ferramentas digitais (STUBBS, 1996). Prioriza o modelo de língua que considera três aspectos principais: o desempenho dos falantes, os fatos psicológicos da competência individual juntamente com os fatos sociais da língua como sistema (STUBBS, 2001, p.23). Desse modo, a Linguística de *Corpus* ultrapassa o radicalismo das dicotomias tradicionais: *langue/parole*, intuição/dedução, racionalismo/empirismo e pode ser aproximada à perspectiva sistemática que não nega o aspecto cognitivo da metáfora.

Vale dizer que nosso estudo não tem a pretensão de fazer uma análise aprofundada dos mecanismos metafóricos envolvidos na produtividade de neologismos na terminologia ambiental. Nos limites deste trabalho, queremos apenas explorar caminhos para mais pesquisas em um campo que tem muito a oferecer à investigação sob os mais variados prismas. Em tal propósito, optamos por um posicionamento que defende a perspectiva cognitivista, mas, ao mesmo tempo, prioriza o aspecto sociocultural da metáfora.

Assim, não vemos, na utilização progressiva do vocábulo *verde*, uma metáfora metonímica de natureza sinestésica que valoriza o sentido visual da cor. Vemos *o verde* na terminologia das temáticas ambientais como uma maneira convencional aceita mundialmente por consenso e uso socioculturais na era contemporânea para conceitualizar o domínio da experiência do homem em seu relacionamento com o meio-ambiente em termos ecológicos, ambientais, econômicos, ideológicos e políticos que enfatizam a necessidade da preservação da natureza para as gerações futuras. No desenvolvimento dessa conceitualização, acreditamos que se combinam harmonicamente fatores semânticos e pragmáticos, cognitivos e afetivos na expressão linguística metafórica.

2. Metodologia

Basicamente, a metodologia deste trabalho seguiu duas etapas principais. A primeira, depois da organização dos materiais, isto é, a seleção dos *corpora* (*corpus* de pesquisa e *corpus* de referência) e das ferramentas digitais, foi dedicada ao levantamento, à análise, descrição e discussão das expressões metafóricas encontradas. Em um segundo momento, buscou-se a comparação do significado dessas unidades lexicais metafóricas com o significado encontrado em um *corpus* de referência e em obras lexicográficas e terminológicas.

2.1 Constituição dos Corpora

Foram constituídos dois *corpora*: o *corpus* de pesquisa e o *corpus* de referência. O primeiro contém textos especializados, abrange vários *subcorpora* informatizados e trata da temática ambiental. O segundo é um *corpus* de língua comum que, além de contar com uma obra lexicográfica e um glossário terminológico, recorre a um grande *corpus* geral da língua escrita e falada disponibilizado *on-line*.

2.1.1 *Corpus* de pesquisa

Para a composição do *corpus* de pesquisa, por razões metodológicas e operacionais, seguindo o princípio da reusabilidade do material já compilado, optamos por reutilizar *corpora* referentes à Gestão Ambiental, anteriormente constituídos, objeto de estudos anteriores, disponibilizados na Base Gestamb do Acervo Termisul ⁵¹, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A combinação de *corpora* de pequenas dimensões e de grandes extensões encontra justificativa na metodologia preconizada por aqueles que seguem as orientações do defensores da Teoria da Metáfora Sistemática (CAMERON; DEIGNAN, 2009, p.145).

Assim, selecionamos quatro conjuntos para compor nosso *corpus* de pesquisa: o primeiro (A), contém manuais sobre o sistema de gestão ambiental empresarial, o segundo (B) constitui-se de dissertações e teses sobre o mesmo tema, o terceiro (C) focaliza o *marketing* verde, enquanto o quarto (D) denominado *Corpus* Coimbra reúne teses e dissertações sobre gestão ambiental em um amplo espectro de especializações.

O *corpus* A, que totaliza 82.303 *tokens* (espaços gráficos separados por espaços em branco) e 9.199 *types* (tipos ou realizações diferentes desses espaços gráficos), é de caráter normativo e os textos visam a instruir empresários, gestores, administradores, e auditores não especialistas na área a respeito das normas vigentes nos organismos internacionais de gerenciamento ambiental. Trata-se de textos isentos de critérios de valor em que é frequente a ocorrência da forma verbal no modo imperativo e a definição de conceitos básicos da área.

O *corpus* B perfaz o total de 1.486.232 *tokens* e 46.115 *types*. São textos que apresentam resultados de pesquisas teóricas e aplicadas relevantes para a problemática da conservação da natureza publicadas na Revista Eletrônica da Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – READ ⁵².

O *corpus* C totaliza 239.823 *tokens* e 20.672 *types*. Abrange três segmentos, subcorpora 1, 2 e 3, nos quais o cuidado com a preservação ambiental é o denominador comum, mas os interlocutores, os propósitos da comunicação e as funções

⁵¹ www.ufrgs.br/termisul

⁵² www.read.ea.ufrgs.br

comunicativas são diferentes entre si e também diferentes daqueles dos outros três *corpora* escolhidos. Sua temática é o *marketing* verde, isto é, uma comunicação tematicamente marcada por um fazer persuasivo cujo propósito é conquistar a preferência do consumidor através da construção da imagem ambientalmente correta da organização empresarial.

O primeiro, subcorpus 1, conta com 120.666 *tokens* e 12.302 *types*. São 24 textos de caráter didático, coletados de periódicos acadêmicos, teses, conferências e boletins informativos dirigidos pelo especialista ao não especialista. Entre esses últimos, incluem-se estudantes de administração de empresa, administradores, empresários e profissionais da defesa do meio ambiente, jornalistas e políticos. Por se tratar de um domínio emergente ainda em formação, tais textos se constituem em fonte primária para a construção do novo campo de conhecimento e atividade e, portanto, básicos para a constituição de sua terminologia.

O segundo segmento, subcorpus 2, compreende 95.247 *tokens* e 12.238 *types* em 134 peças publicitárias dirigidas pelas empresas ao mercado consumidor. Trata-se de textos comerciais, seja na forma de propaganda paga, seja na forma de *releases*, isto é, notas divulgadas pela mídia gratuitamente. São textos que visam ao consumidor com o propósito de construir a imagem ambientalmente correta da organização antes que oferecer produtos e serviços.

O terceiro segmento, subcorpus 3, se compõe de 22 textos jornalísticos no total de 23.910 *tokens* e 5.349 *types*. Os textos foram coletados em *sites* ambientalistas e em *sites* de jornais dedicados à temática ambiental. Redigidos por ecojornalistas, isto é, profissionais da imprensa que se dedicam às questões do meio ambiente e/ou por Organizações Ambientais Não-Governamentais, as chamadas ONGs, focalizam questões cruciais que envolvem a proteção da natureza frente à exploração econômica. São textos que não poupam críticas a poderosas organizações que assumem frente ao público a posição de protetoras do meio ambiente para esconder seus verdadeiros propósitos comerciais.

O *corpus* D, Corpus Coimbra, foi construído por Sue Ane Coimbra para a pesquisa de sua Dissertação de Mestrado (COIMBRA, 2011). Compõe-se de teses e dissertações publicadas entre 2000 e 2008, selecionadas do acervo da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e

Tecnologia - IBICT)⁵³ e do Portal Domínio Público⁵⁴. Seu critério de seleção foi a presença do termo gestão ambiental entre os descritores ou palavras-chave. São 203 textos, sendo 31 teses e 172 dissertações, totalizando 6.326.302 *tokens* e 95.131 *types*.

Seus autores são mestrandos e doutorandos de diferentes programas brasileiros de Pós-Graduação como Economia, Engenharias Agrícola, Ambiental, de Produção e Civil, Geografia, Biociências, Ciências Sociais, Administração, Arquitetura, Psicologia, entre outras. A temática abrange a interface da Gestão Ambiental e diferentes segmentos da sociedade (indústrias têxteis, agricultura, pecuária, construção civil, turismo entre outros muitos).

2.1.2 *Corpus* de referência

Com o propósito de comparar a ocorrência das unidades lexicais consideradas metafóricas encontradas nos *corpora* da área ambiental e sua utilização com sentido literal, constituímos um *corpus* de referência. Recorremos ao Banco de Português (BP)⁵⁵, um corpus do português do Brasil criado e mantido no Centro de Recursos Pesquisa e Informação, CEPRIL, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL, da PUCSP. Com mais de 230 milhões de palavras, incluindo entre outros, textos jornalísticos, o BP disponibiliza *on-line* uma amostragem de 1.000.100 palavras.

Dois dicionários em formato papel perfazem nosso corpus de referência. O primeiro é o DUP - Dicionário de Usos do Português do Brasil (BORBA, 2002) e o segundo é uma obra terminográfica, o Glossário de Termos Neológicos da Economia - GTNE (ALVES, 1998). O DUP está baseado em um *corpus* de 70 milhões de palavras coletadas de textos de 1950 a 2000, dentre os quais estão 7 milhões de palavras da revista Veja de 1992 a 1995 e 59 milhões da Folha de São Paulo de 1994 a 1995. O Glossário é o resultado de uma pesquisa de sete anos nos cadernos dominicais de

⁵³ <http://bdt.d.ibict.br/>

⁵⁴ <http://www.dominiopublico.gov.br/>

⁵⁵ <http://www2.lael.pucsp.br/corpora/bp/>

economia da Folha de São Paulo e nos números mensais da revista Conjuntura Econômica.

Reunindo diferentes *corpora* de pesquisa e de referência, abrangemos múltiplos autores, interlocutores, tipos de textos de uma ampla gama de áreas especializadas bem como da língua comum. Com tal heterogeneidade, pretendemos contemplar a linguagem realmente em uso no Brasil contemporâneo. Dessa forma, pensamos que poderíamos detectar o uso de expressões metafóricas geradas pela metáfora VERDE É A NATUREZA VIVA.

2.2 Seleção das ferramentas

Como ferramentas para a coleta de dados no corpus de pesquisa, escolhemos o programa AntConc 3.2.1w (ANTHONY, Laurence) ⁵⁶, um software livre de manuseio amigável, bastante robusto e confiável, que pode ser facilmente acessado *on-line*. Ele oferece a opção de uso das principais ferramentas de análise textual dentre quais utilizamos especialmente o contador de palavras (*Wordlist*), o concordanciador (*Concordance*) e listador de agrupamentos lexicais (*Cluster*).

No *Corpus* de Português, utilizamos a ferramenta Concordanciador disponibilizada no seu *site*. A consulta aos dicionários foi feita manualmente.

2.3 Procedimentos de coleta

No *corpus* de pesquisa, o primeiro procedimento realizado foi listar todas as palavras do *corpus* total constituído pela junção dos corpora A, B, C e D. O resultado foi 8.134.660 *tokens* e 107.504 *types*. O número de ocorrências da palavra *verde*, 1.591, justificou a opção de concentrar o âmbito da pesquisa na metáfora ambiental ativada por esse vocábulo que, nos limites deste trabalho, constituiu a chave de busca da coleta das expressões relevantes e é também o núcleo primordial de sua descrição.

Em seguida, com o recurso da ferramenta *Cluster*, foi produzida a listagem dos sintagmas compostos por uma palavra mais a palavra *verde* colocada à direita. Os

⁵⁶ http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html

candidatos, selecionados dos diferentes tipos (*types*) de agrupamentos (*clusters*) foram usados como nódulos de concordâncias. Foram produzidos *clusters* de diferentes extensões que foram observados dentro de um mesmo horizonte em seu cotexto (palavras que o precedem e o sucedem) para a seleção dos prováveis candidatos a termos metafóricos, e ainda dentro de seu contexto mais amplo através da ampliação da linha de concordância.

Coletadas e examinadas manualmente em seu cotexto e contexto nos diferentes *corpora* que compõem o *corpus* de pesquisa, as ocorrências de *verde* foram agrupadas de acordo com a categoria gramatical em substantivos concretos e abstratos, adjetivos classificadores e qualificadores e ainda analisadas, de acordo com Borba (1996), segundo sua valência semântica. O propósito de tal descrição é duplo: de um lado, subsidiar a análise do mecanismo metafórico realizado pelo pesquisador e, de outro, contribuir para futuros reconhecimentos de metaforizações com o auxílio de *softwares* especialmente construídos.

No Banco de Português, a palavra *verde* gerou uma listagem de concordâncias que foram analisadas uma por uma segundo sua categoria gramatical e sua valência semântica. Análise semelhante foi feita no verbete *verde* do Dicionário de Usos do Português do Brasil. Buscaram-se ocorrências de sintagmas formados por substantivo mais o adjetivo verde no Glossário de Termos Neológicos de Economia.

3. Descrição análise dos dados

3.1 Verde no corpus de pesquisa

Em nossa busca, contextualizada na temática ambiental, no *corpus* de pesquisa, encontramos aproximadamente 170 expressões diferentes cujo vocábulo *verde* faz referência à preservação da natureza e não à cor. Para melhor entendermos o funcionamento dessas expressões, em primeiro lugar classificamos seus componentes gramaticalmente. Depois os examinamos em contexto para melhor investigar seus colocados e poder decidir de sua metaforização.

A análise no contexto ampliado da linha de concordância permitiu identificar os colocados, isto é, a ocorrência de palavras relacionadas com a temática ambiental que ocorram em seu entorno. Por exemplo, na frase “Interação e compatibilidade do telhado verde com diversas práticas de construção sustentável”, pode-se intuir que *verde* não é a cor da cobertura, mas especifica um tipo de cobertura cuja construção não causa dano à natureza. Desse modo, foi possível reconhecer o mecanismo metafórico que em inúmeras ocorrências do adjetivo *verde* parecia confundido com o significado literal.

Ao categorizar gramaticalmente as expressões encontradas observamos que a ocorrência de *verde* como substantivo é rara, como em “amigos do verde, dotados de responsabilidade ambiental, cuja adesão ao pacto ecológico ocorre de uma forma sobretudo voluntária, apontada por muitos como resultado do processo de conscientização da importância ambiental”. *Verde* como adjetivo adnominal (ADJPadn) posposto ao nome concreto (Nc) – *combustível verde* –, ou abstrato (Na) – *estratégia verde* – formando sintagmas é muito frequente; ocorre também na posição predicativa (ADJPpred) com verbos copulativos, como em *ser verde*. Essas expressões carregam traços característicos da temática ambiental e, portanto, são candidatas a integrarem a terminologia da área seja no caráter de termos ou como combinatórias léxicas especializadas (CLEs) da área. Na posição ante-nominal, o adjetivo verde não ocorreu no nosso *corpus*, parece tratar-se de uma conotação poética, como os tão cantados “verdes mares bravios de minha terra natal” de José de Alencar.

Ainda, observamos indícios de metaforização no processo de derivação que tem como base um adjetivo classificador *verde* e como produto um verbo, *esverdear*, cujo significado corresponde a uma mudança de situação no sentido de algo que passa a ter a propriedade expressa pelo adjetivo, como ilustra o exemplo “Ambientalizar ou esverdear os editais fortalecerá novas bases, de onde emergirão as mudanças na maneira de se trabalhar e de se pesquisar”.

A primeira característica que logo salta aos olhos ao investigarmos exemplos em seu contexto real é a ocorrência eventual do uso de aspas seja abrangendo toda a expressão ou apenas destacando a palavra *verde*. Isso parece sugerir que, durante a redação, o autor considerou que tais unidades léxicas mereciam ser destacadas no texto por ainda não serem totalmente aceitas no discurso em que estão inseridas. Essa

suposição se confirma porque os dicionários publicados antes do ano 2000 não as registram em seus verbetes.

Como mencionamos, o vocábulo *verde* aparece associado a diferentes classes de palavras, os nomes são os mais ocorrentes, tanto abstratos (política, jornalismo, ideias, ideologia) como concretos (carro, combustível, consumidor, sacola, rótulo) são as mais recorrentes. Podemos também observar a derivação verbal verbo, *esverdear* (*esverdear a economia*), assim como sua nominalização, na forma deverbal, *esverdeamento* (*esverdeamento da OMC*).

3.2 Verde no *Corpus BP*

No Banco do Português, observou-se o uso de *verde* na linguagem comum a partir da produção de linhas de concordância. Ao invés de classificador, o adjetivo aqui se comporta como qualificador, atribuindo uma propriedade ao substantivo que modifica. Quanto à sua posição, ele pode ser adnominal posposto ou anteposto ou estar em posição predicativa ou ainda posposto a um particípio passado. O substantivo qualificado é concreto e seu valor denotativo é a indicação da cor. Também ocorre como substantivo masculino singular referindo-se a cor.

Assim, conforme observado na amostragem, o uso de *verde* é o seguinte:

a) adjetivo qualificativo adnominal posposto a nomes concretos, ex: casa, camisa, botão, cabo, olhos, fundo, sinal, estrela, partículas, grama, rosto, grade, cor, cruz, mares;

b) adjetivo qualificativo em posição predicativa com verbos os copulativos, ser estar, ex: os olhos são verdes;

c) adjetivo qualificativo precedido de preposição posposto a particípio passado, ex: vestido de verde; pintado de verde;

d) nome abstrato masculino singular, ex: o verde.

Tais realizações tem sempre o valor semântico de cor e configuram os padrões de uso de adjetivo qualificador.

3.3 Verde no DUP

Do verbete verde no Dicionário de Usos do Português do Brasil (Borba, 2002, p. 1615) foram recolhidos os seguintes dados:

VERDE Adjetivo Qualificador de nome concreto: 1) da cor mais comum das ervas e das folhas das árvores; 2) com vegetação; verdejante; 3) muito pálido, doentio.

Adjetivo Classificador de nome concreto não animado: 4) que ainda não amadureceu; 5) ainda com seiva; 6) feito com uva não madura; de nome humano: 7) jovem, inexperiente; de nome abstrato: 8) da juventude.

Nome masculino: 9) a vegetação; 10) o gramado; 11) o conjunto de todas as plantas; 12) a cor.

3.4 Verde no GTNE

Dentre as expressões metafóricas coletadas no *corpus* de pesquisa, selecionamos aquelas que evocam metáforas econômico-ambientais produzidas pela interface de duas áreas preocupadas com a utilização e a proteção dos recursos naturais. *Mercado verde*, *imposto verde*, *cadeia produtiva verde*, *crédito verde*, *marketing verde*, *investidor verde*, *stakeholder verde* constituem uma amostragem desses exemplos. O GTNE não registra nenhum deles, considerando que o Glossário fundamenta-se em uma coleta em documentos reais especializados em economia publicados na última década do século passado, somos levados a acreditar que tais termos ainda não eram aceitos e até nem tinham sido criados e, portanto, são realmente neologismos cuja permanência na língua não pode ser confirmada até agora.

4. Discussão dos resultados

Ao analisarmos frases em que o *verde* está inserido na língua comum, temos um adjetivo qualificador (ADJql), segundo Borba (1996). O adjetivo qualificador adiciona um traço ao referente, tendo assim um caráter descritivo. Se uma parede é verde, sua cor é um atributo que é somado à parede, mas que não faz parte de sua essência de ser parede.

Conforme anteriormente mencionamos, o *verde* na comunicação daqueles que se preocupam com o meio ambiente parece caracterizar a temática da preservação da natureza. Em outros contextos, isoladamente ou nas páginas de um dicionário, o vocábulo *verde* faz parte da língua comum e é usado sem nenhuma conotação ambiental especializada, seguindo os padrões de uso da competência linguística geral do falante de português no Brasil. Com efeito, na frase “O líquido resultante, o licor verde, tem coloração esverdeada”, retirada do nosso *corpus* de temática ambiental, o adjetivo *verde* não é uma metáfora, é o qualificador de um substantivo concreto, significa a sensação causada na retina por uma das três cores primárias do espectro solar. No mesmo *corpus* ocorre “onda verde” que nada tem a ver com os tons coloridos da água do mar, mas com a mística da proteção à natureza e, portanto, configura uma expressão metafórica, sendo portanto, um adjetivo classificador de um substantivo abstrato.

No caso dos adjetivos que coletamos, sua natureza se difere. Os *verdes* nesses casos são adjetivos classificadores (ADJcl). Ainda segundo Borba (id.), eles tipificam o referente, apresentando um caráter definitório. A mudança de tipologia de tais adjetivos de mesma forma (*verde* qualificador / *verde* classificador) explicita a diferença de significado, o que indica que *verde* sofreu algum processo de transformação que, em nossa hipótese, é o mecanismo da metaforização, que, no entanto, nem sempre gera uma metáfora característica da terminologia ambiental.

Convém salientar que o padrão de uso, adjetivo qualificador, adjetivo classificador, substantivo concreto e substantivo abstrato, não fornece indícios suficientes para o reconhecimento de um uso metafórico. Os exemplos seguintes comprovam que as características gramaticais não bastam para revelar a presença de uma metáfora. Em “a gestão ambiental e a responsabilidade social são reações naturais das empresas diante de um novo cliente, ou seja, o consumidor verde e ecologicamente correto, preocupado com o ambiente natural e social”; e em “adubação verde, técnica de conservação do solo que consiste no plantio de leguminosas (plantas com vargens), e de

sua posterior incorporação ao solo através das arações”, *verde* modifica um substantivo concreto, classifica um tipo de consumidor e um tipo de adubação, é portanto um ADJcl. No entanto, somente o contexto revela o mecanismo metafórico da primeira expressão, *consumidor verde*, que é o consumidor com responsabilidade ambiental.

A percepção visual da natureza é a cor verde. Essa é a característica que mais se destaca, o que mais há em comum a tantos ambientes do “mundo natural”. O domínio da experiência do relacionamento do ser humano com o meio-ambiente fez com que os indivíduos conceitualizassem e internalizassem essa ideia, do mesmo modo com que relacionam a cor cinza com a cidade e ambientes industriais. Portanto, a metáfora conceitual, formada pelo ser humano é: VERDE É A NATUREZA VIVA.

Tendo em vista que a cor verde simboliza a natureza, o raciocínio que se segue é que, na natureza não prejudicada pelo homem, a vida se desenvolve. Se é nesse ambiente que a vida se desenvolve, o homem deve preservá-lo e tomar atitudes que o conservem para, assim, preservar, também, a vida de seus descendentes. A metáfora está formada e, com o uso recorrente e a aceitação da comunidade, torna-se sistemática e produtiva, passível de gerar diversas expressões metafóricas que, mesmo sem terem sido ouvidas anteriormente, podem ser compreendidas intuitivamente e sem esforço pelos interlocutores. Tal é o caso de *carro verde*, *tecnologia verde*, *combustível verde*, *estratégia verde*, em que *verde* significa não poluidor. Ou ainda, *política verde*, *programa verde*, *economia verde*, em que *verde* significa protetor da natureza.

5. Conclusão

A proposta deste estudo foi identificar os mecanismos metafóricos responsáveis pela criação de termos neológicos da linguagem utilizada no âmbito da temática ambiental. Na perspectiva teórica adotada, priorizamos o texto como objeto de significação e comunicação entre interlocutores. Em um *corpus* de pesquisa multifacetado composto de textos heterogêneos sobre o meio ambiente, focalizamos a palavra *verde* como a marca mais saliente das expressões que, na época atual, ativam a mente e manipulam a vontade do público, quer leigo quer especializado, quando se fala da sobrevivência da humanidade na Terra.

A análise do *corpus* de pesquisa permitiu visualizar um domínio multidisciplinar cuja tônica é a proteção dos recursos naturais necessários à vida no qual a imagem visual evocada pela cor verde é a principal bandeira. Talvez primeiro inconscientemente, depois visando ganhar adesão da comunidade, os que lutam pela integridade da natureza desenvolveram a metáfora VERDE É A NATUREZA VIVA. A recorrência da analogia em discursos das ciências biológicas e humanas como Ecologia, Administração, Economia bem como sua prevalência na divulgação de ideologias ambientalistas, políticas, filosóficas e sociológicas assegurou sua permanência na mídia e estimulou sua produtividade como um mecanismo metafórico de criação de neologismos.

Nos instrumentos de contraste que compuseram nosso *corpus* de referência, a presença significativa de expressões novas em que *verde* revela conotação ambiental comprovou seu caráter neológico. De fato, no dicionário de língua comum, no *corpus* eletrônico do português contemporâneo, na obra terminológica consultada, os neologismos coletados em no *corpus* de pesquisa não foram registrados. Esse dado aponta para a realização de estudos posteriores do mecanismo da metaforização do *verde* na terminologia ambiental sob a ótica diacrônica.

No *corpus* de pesquisa e de modo especial no *corpus* de referência, foram encontradas também ocorrências metafóricas de *verde* com conotação não ambiental. Esse dado demonstrou que a simples análise gramatical e semântica da expressão metafórica não é suficiente para caracterizá-la como unidade lexical relacionada a uma área determinada. Realmente, o exame das outras palavras que ocorrem em seu redor, isto é, seu entorno textual de significação, é que contribui decisivamente para ativar sua especificidade.

Este estudo investigou o mecanismo metafórico sob o prisma cognitivo e sociolinguístico, valeu-se dos aportes da Teoria da Metáfora Sistemática, sem ignorar a contribuição da Teoria da Metáfora Conceptual, e privilegiou os princípios da Linguística de *Corpus* ao pesquisar textos autênticos produzidos com o propósito primordial de comunicação em eventos reais. Finalmente, não como conclusão, pois esta pesquisa deverá avançar, nosso trabalho evidenciou a validade do inter-relacionamento de várias perspectivas dos estudos da linguagem.

Referências Bibliográficas

- ALVES, I. M. *Neologismo – Criação lexical*. São Paulo: Ática, 2004.
- ALVES, I. M. *Glossário de termos neológicos de economia*. São Paulo: Humanitas, 1998.
- ANTHONY, L. *AntConc (3.2.1 w)* [Computer Software]. Tokyo, Japan: Waseda University, 2008 . Disponível em <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/>. Acesso em 04/08/2011.
- BERBER-SARDINHA, T. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial (Lingua[gem] ; 24), 2007.
- BORBA, F. S. *Uma Gramática de Valências para o português*. São Paulo: Ática, 1996.
- BORBA, F. S. *Dicionário de Usos do Português do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- BOURIGAULT, D.; SLODZIAN, M. Pour une terminologie textuelle. *Terminologies Nouvelles*, n.19, déc. 1998 - juin 1999. p.29-32.
- CABRÉ, M.T. *La Terminologia*. Representación y comunicación. Barcelona: IULA/UFP, 1999.
- CAMERON, L. & DEIGNAN, A. A emergência da metáfora no discurso. *Cadernos de Tradução*, n. 25, jul. – dez., 2009. p. 143-167.
- COIMBRA, S.A. *Unidades Fraseológicas Especializadas: avaliação dos critérios para sua identificação e seleção em corpus de Gestão Ambiental*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Dissert. Mestr. 2011.
- KOCOUREK, R. *La langue française de la technique et de la science*. Wiesbaden: Brandstetter, 1991.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.
- LAKOFF, G. The contemporary theory of metaphor. In: GEERAETS, D. *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

MACIEL, A.M.B. et alii (2004a) *Identificando uma "terminologia verde em um corpus textual*. 14º INPLA Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, PUCSP, (2004 a). Disponível em <http://www6.ufrgs.br/termisul/biblioteca.php>. Acesso em 11/11/2006.

MACIEL, A.M.B (2004b) *Especificidade da terminologia do marketing verde*. XIX ENAPOLL, Maceió, AL. Não publicado.

MACIEL, A.M.B. (2005) *Elementos semântico-pragmáticos da terminologia do marketing verde*. 15 INPLA Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada, PUCSP, 2005. Não publicado.

MACIEL, A.M.B. (2006) *Terminologia e Linguística de Corpus: Reconhecimento de especificidades de termos*. V Encontro de Corpora, Universidade Federal de São Carlos, 24-25/11/2005. Disponível em <http://www.nilc.icmc.usp.br/vencontro/vencontro.htm>. Acesso em 04/08/2006.

STUBBS, M. (1996) *Text and corpus analysis: computer-assisted studies of language and culture*. London: Blackwell. (Language in Society series, v.23).

STUBBS, M. (2001) *Words and Phrases: corpus studies of lexical semantics*. Oxford: Blackwell, 2001.

TEMMERMAN, R. *Towards new ways of terminology description*. The sociocognitive approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

_____. Sociocognitive terminology theory. In: *Terminología y cognición: II Simpósio Internacional de Verano de Terminología*, 13-16 de julio de 1999.